

Da diversão entre amigos ao sonho de carreira no futebol: fatores de adesão ao futsal escolar e clubístico

<http://dx.doi.org/10.11606/1807-5509201900020157>

André Felipe CAREGNATO*
Doralice Lange de SOUZA*
Carlos Eduardo GONÇALVES**
Camile SILVA*
Marcelo Moraes e SILVA*
Fernando Renato CAVICHIOILLI*

*Departamento de Educação Física, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR, Brasil.
**Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física, Universidade de Coimbra, Coimbra, CO, Portugal.

Resumo

O artigo procurou investigar a adesão de jovens do sexo masculino da categoria sub-13 no futsal de uma escola da rede particular de ensino e em um clube esportivo da cidade de Curitiba. Os dados foram coletados através de entrevistas com 17 participantes: pais, professor/técnico e alunos/atletas e, também realizadas observações assistemáticas por seis meses nos locais de treinos e jogos das equipes. Nossas principais conclusões são que os alunos da escola jogam futsal porque o jogo acontece entre amigos. No clube, o principal fator de adesão é a expectativa de profissionalização no futebol de campo do mesmo clube, visando recompensa financeira.

PALAVRAS-CHAVE: Futebol; Adesão; Adolescentes; Esporte.

Introdução

Conforme apontam ALONZO et al.¹, no início dos anos 1970, alguns pesquisadores começaram a realizar investigações sobre os motivos que levam os jovens a praticarem determinados esportes. COELHO E SILVA e MALINA² verificaram que, de acordo com os pressupostos dos modelos de adesão à atividade física, o sujeito antes de assumir a participação em atividades esportivas organizadas passa por algumas etapas, que são elas: consideração das possibilidades e vantagens de adesão; recolhe informações (valores, horários, data de início da atividade); e opta pela realização, ou não da atividade esportiva.

Estudos revelam que são vários os motivos para os jovens aderirem aos esportes. Eles buscam o esporte para desenvolverem suas habilidades esportivas, competirem³⁻⁵; seguirem carreiras e obterem rendimentos financeiros⁶⁻⁸. Existem também aqueles que procuram o esporte para diversão e para fazerem amigos^{3,9,10}; para melhorar a qualidade de vida¹¹⁻¹³; para fazer parte de um grupo específico^{9,10,14}; para atender a expectativa dos pais¹⁵⁻¹⁷ e para conhecer diferentes esportes^{2,18,19}.

As pesquisas realizadas sobre a temática demonstram que os fatores que interferem na adesão ao esporte variam de acordo com o perfil dos praticantes e com a modalidade praticada. Considerando esta realidade, nos propusemos a investigar, mais especificamente, a seguinte questão: Quais os fatores que motivaram a adesão de jovens da categoria sub-13 no futsal em uma escola no período de contraturno escolar e em um clube essencialmente esportivo em Curitiba, segundo a perspectiva de pais, alunos, atletas, professores e diretores pertencentes a estes ambientes?

Apesar de existirem no Brasil pesquisas sobre o futsal, até o momento não identificamos estudos voltados aos motivos de participação de jovens neste esporte em diferentes ambientes^{20,21}. Optamos pela categoria sub-13 porque, conforme destacam WEINBERG e GOULD²², a maior parte de praticantes em esportes organizados possui entre 10 e 13 anos de idade. Depois desta faixa etária, ainda de acordo com estes autores, existe um decréscimo na procura pelo esporte e um elevado índice de abandono em programas esportivos.

O futsal, atualmente no Brasil é uma das modalidades mais praticadas em clubes e escolas^{23,24}. O mesmo está presente em escolinhas de esportes públicas e privadas^{11,25} e é praticado por pessoas de vários níveis socioeconômicos em diferentes ambientes, por exemplo, os desta pesquisa: uma escola no período de contraturno, onde se exige o pagamento de uma taxa mensal e, um clube esportivo, onde não há cobrança de mensalidade. Esses cenários – clube e escola – podem se constituir no primeiro contato do iniciante com uma atividade esportiva formal conduzida por um professor.

Federações estaduais de futsal^{23,26} organizam competições disputadas por diferentes entidades, a partir da categoria sub-7. Pesquisadores que têm estudado questões relativas à iniciação esportiva^{10,23,24,27} têm se indagado se existe, por parte dos praticantes, interesse no valor simbólico presente na conquista de títulos federativos ou se a motivação maior seria o simples fato de jogar futsal/futebol e divertirem-se com o esporte e/ou com seus colegas. Questões como estas estão relacionadas com o nosso estudo, uma vez que nos propusemos a investigar os fatores de adesão ao futsal.

O futsal e o futebol no Brasil estão relacionados. É comum neste país – também denominado de “pátria em chuteiras”²⁸ – que meninos iniciem a sua prática esportiva no futsal e se tornem jogadores profissionais de futebol de campo²⁹. Muitos se sentem seduzidos pelo futebol de campo por influência de atletas bem-sucedidos desta modalidade^{14,17,24}.

Método

A pesquisa foi qualitativa e de cunho exploratório e teve como foco principal a perspectiva dos sujeitos envolvidos nos contextos estudados. Os dados foram coletados durante seis meses em dois cenários: em um clube com orientação profissional, reconhecido por formar jogadores para o futebol nacional, e em uma escolinha de futsal de um colégio da rede particular de ensino (atividade extraclasse), localizado na região central da cidade de Curitiba. Os instrumentos de coleta foram entrevistas e observações de participantes.

Optamos pela entrevista semiestruturada, uma vez que esta nos permitiria explorar em profundidade as respostas dos participantes⁴⁴. As guias de entrevistas foram adaptadas a partir do estudo de MATOS e CRUZ¹⁹ que também investigaram possíveis razões que levam

A formação do atleta profissional de futsal e futebol de campo tem se dado principalmente em instituições clubísticas ligadas a federações esportivas³⁰⁻³² que buscam converter crianças percebidas como jovens talentos³³⁻³⁴ em profissionais capazes de exibir suas performances a um grande público^{31,35,36}. Embora a formação de atletas se dê no contexto clubístico, o futebol e/ou futsal também se fazem fortemente presentes nas escolas^{23,37} tanto nas aulas de Educação Física, como em atividades extraclasse³⁷⁻⁴⁰. Na verdade, em alguns casos, as aulas de Educação Física se focam quase que exclusivamente nestas práticas⁴⁰⁻⁴³. Para alguns autores³⁹⁻⁴¹, o ambiente escolar pode ser um espaço importante no processo de formação de atletas, pois possui meios para propor esportes e influenciar os jovens na prática esportiva.

Ao considerar o número expressivo de crianças e adolescentes envolvidos com a prática do futsal/futebol, nos indagamos sobre os motivos que levam jovens a aderir à estas práticas, seja no contexto escolar (extraclasse) ou clubístico. Estariam eles em ambos estes contextos – diferenciados – interessados em profissionalização no esporte? Pesquisas sobre essa temática, sobretudo envolvendo a perspectiva de diferentes participantes (pais, alunos, atletas, professores e diretores) podem gerar subsídios para o desenvolvimento de incentivos para a prática destas modalidades e estratégias para se diminuir o abandono das mesmas.

crianças/adolescentes a praticarem determinados esportes. Todas as entrevistas foram individuais e realizadas em uma sala reservada nos contextos estudados. As mesmas foram gravadas, transcritas e duraram em torno de 30 minutos.

No caso do futsal no contexto da escola, selecionamos para a entrevista três alunos e seus responsáveis; o diretor esportivo e o professor de futsal. No caso do futsal clubístico, selecionamos quatro atletas e três pais/responsáveis (um dos sujeitos era responsável por dois atletas entrevistados), o diretor esportivo e o técnico do clube. Ao todo entrevistamos 17 sujeitos. Os atletas/alunos foram selecionados de acordo com os seguintes critérios: maior tempo de prática, maior tempo no clube/escola pesquisada, e consentimento para participação

no estudo. A análise dos dados coletados por meio das entrevistas foi feita com base em procedimentos da análise de conteúdo de BARDIN⁴⁵: (a) pré-análise: foi realizada a leitura flutuante, fase de sistematizar as ideias iniciais por meio da edição das entrevistas na íntegra e separação por recortes; (b) exploração do material e codificação: consiste em operações de codificação, categorização de elementos de unidades de registros comuns, de acordo com temas e situações presentes nas falas dos participantes; (c) o tratamento dos resultados obtidos: processo de inferência dos dados, etapa de organização das mensagens por assuntos, temáticas, aparecem os destaques das informações.

Com relação as observações, optamos também por essa técnica, com a finalidade de melhor conhecer as pessoas que fazem parte deste estudo, focando nos acontecimentos, nos hábitos, nos interesses e nas situações estabelecidas no local da pesquisa e relacionadas com o objetivo deste estudo. Com base em RICHARDSON⁴⁶, há aspectos

do comportamento humano que não poderiam ser estudados satisfatoriamente de outra forma, uma vez que a observação participante tem como uma de suas maiores vantagens a possibilidade de se obter a informação precisa na ocorrência espontânea do fato.

As observações foram realizadas em média duas vezes por semana, por seis meses, nos locais dos treinos e jogos. Foi possível observarmos os cenários no mesmo período, pois o futsal do clube era realizado no período da tarde, às 15h30 e o extraclasses a partir das 18h. O tempo de permanência em cada uma das observações não ultrapassou a uma hora e meia. As principais informações, relacionadas com as temáticas deste estudo, foram anotadas em um diário de campo.

Todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento, aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa da UFPR (CAAE: 01510312.3.0000.0102). Utilizaremos pseudônimos para mantermos o anonimato dos entrevistados, identificando apenas as categorias – aluno/atleta; professor/técnico; pai; diretor.

Resultados e Discussão

O futsal no clube

O objetivo do clube com o futsal é a formação de futuros jogadores profissionais de futebol de campo. Vejamos a fala de Pedro, diretor esportivo do clube:

A filosofia do clube é formar o jovem atleta para o futebol de campo profissional, e posteriormente conseguir lucros com a venda desse jogador, formado em casa, sem custos ao clube. (PEDRO/DIRETOR)

Cabe destacar que no momento da pesquisa, a instituição pesquisada é reconhecida pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF) como Entidade de Prática Desportiva Formadora de Atleta, possuindo o Certificado de Clube Formador. De acordo com a legislação⁴⁷ em vigor a partir de 2011, o clube formador atualmente tem uma proteção na formação de seus atletas, por exemplo, sempre que ocorrer uma transferência nacional de atleta, até 5% do valor pago pelo novo clube serão distribuídos pelos clubes formadores. Sobre essa questão, o dirigente entrevistado adiciona que “essa medida ajudou a regulamentar o papel do clube, na qualidade de formador de atleta [...] é uma maneira encontrada de manter a iniciação esportiva em clubes que possuem o futebol profissional” (PEDRO/DIRETOR).

No Brasil, São Paulo e Internacional são os times de futebol, que no período de 2003 até 2011, lideraram as vendas de jogadores com quase R\$ 700.000,00 milhões⁴⁸. Por sinal, é possível observar no site oficial, que esses clubes também possuem o futsal como modalidade praticada pelos associados ou atletas. Outro destaque sobre esse assunto, trata-se da recente transferência do atacante brasileiro Neymar, do Futbol Club Barcelona ao Paris Saint-Germain, a qual rendeu aos cofres do Santos Futebol Clube – clube formador do atleta – a quantia de aproximadamente R\$ 33 milhões⁴⁹.

Durante as observações realizadas no ambiente pesquisado, identificamos a presença de técnicos e dirigentes do futebol de campo do clube, os quais assistiam aos treinamentos e jogos da equipe de futsal.

Antes de começar o jogo o técnico do futsal e do futebol de campo dialogam principalmente sobre o desempenho dos alunos do futsal [...] ao começar o jogo o técnico do futebol campo observa seus atletas, ou futuros atletas [...] existem comentários entre os pais sobre a presença dos agentes do futebol de campo. Na arquibancada, o técnico e diretor do futebol de campo, conversam com os pais ou responsáveis pelos atletas que estão jogando.

Conversam sobre os lances do jogo e sobre os detalhes do futebol de campo, como horários e locais de treinos, competições, transporte ao atleta. (DIÁRIO DE CAMPO)

De fato, percebemos, a presença do diretor gerar uma expectativa nos pais e também nos atletas, os quais nessas ocasiões, notavam os dirigentes e sabiam que seriam avaliados naquele treino ou jogo, uma vez que encontramos comentários entre os atletas: “está vendo aquele cara [dirigente do futebol de campo] ali em cima [arquibancada], ele é lá do campo, ele que me chamou para o campo, vamos falar para o João [nome fictício], jogar bem hoje, que será chamado para jogar com a gente no campo” (DIÁRIO DE CAMPO).

Futsal e futebol de campo são importantes para o clube estudado, embora com pesos diferentes. Tal como ocorre em outras realidades do Brasil, o futsal é visto como um meio e o futebol de campo como um fim maior, sobretudo pela sua possibilidade de gerar rendimentos financeiros^{25,27,50} através da venda de atletas formados no clube pesquisado. Os estudos de FIN⁶, JARVIE e SIKES⁷, WILSON et al.⁸,

TRUYENS et al.⁵¹, embora tratem do atletismo, também identificaram que a participação nesta modalidade em determinados países, se deve à busca por uma recompensa financeira, com possibilidade de ajudar os familiares e obtenção de uma carreira.

Apresentamos no quadro abaixo, alguns dados fornecidos pela secretaria de esportes do clube, com a intenção de detalharmos algumas informações sobre os participantes no futsal do clube pesquisado. No período da coleta de dados, o clube possuía um total de 150 atletas neste esporte, divididos em diferentes categorias (média de 15 participantes/categoria: mín. 12/máx. 18; $\pm 1,57$). A categoria pesquisada, a sub-13, divide-se em duas equipes: uma formada por aqueles que jogam somente na “escolinha do clube” e outra formada por atletas que compõem a equipe “principal”. Essa última foi o foco desse estudo, sendo composta por 16 atletas, os quais treinavam duas vezes por semana (15h às 16h30) e provindos de diferentes classes socioeconômicas, desta forma, não necessariamente eram sócios da instituição.

QUADRO 1 – Indicativos com relação à organização por categorias do futsal

Escolinhas/ Equipes	Equip. Cat. Sub-7	Esc. Cat. Sub-9	Equip. Cat. Sub-9	Esc. Cat. Sub-11	Equip. Cat. Sub-11	Esc. Cat. Sub-13	Equip. Cat. Sub-13	Equip. Cat. Sub-15	Equip. Cat. Sub-17	Cat. Sub-20/ Adulto
Alunos/ atletas	16	18	12	14	14	15	16	14	14	16
Professores	1	1	1	1	1	1	1	1	1	3
Auxílio transporte/ financeiro	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Sim
Uniformes para treinos/ jogos	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
Taxa	Sim	Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não	Não	Não	Não
C/H dos treinos/ semana	2h	3h	3h	3h	3h	3h	3h	5h	7h	9h
Período dos treinos	M	M	M	T	T	T	T	T	T	M/T

C/H: Carga horária;
Esc.: escolinha;
Cat.: Categoria.

Existe uma quantidade considerável de alunos de futsal no clube pesquisado. Conforme o diretor da instituição, “tradicionalmente, o futsal é a modalidade com mais praticantes no clube, a mais preferida entre as crianças e jovens associados [...] a única que possui todas as categorias” (PEDRO/ DIRETOR). Essa afirmação reforça a opinião de

alguns autores^{23,24}, os quais apontam em seus estudos o futsal como uma das modalidades mais praticadas entre os jovens, nos clubes brasileiros.

Conforme é evidenciado no quadro acima, o início da participação dos atletas no futsal normalmente se dá nas categorias menores, na categoria sub-7, havendo a possibilidade de progredirem para

categorias subseqüentes até a idade adulta. Nas observações, identificamos que o fato de iniciar no futsal do clube pesquisado é encarado pelos pais como importante para melhorar o desempenho esportivo dos praticantes, sobretudo visando ser apto a jogar o futebol de campo.

Segundo um dos pais entrevistados, o futsal ajuda na parte técnica e tática do futebol, no sentido de ganhar mais habilidade, melhora o drible [...] ajuda a pensar mais rápido no que vai fazer durante o jogo, o que é muito exigido no futsal e contribui posteriormente para o futebol de campo. (JOSÉ/PAI)

Com base em alguns autores é possível afirmar que futsal e futebol são modalidades com características diferentes^{23,30,52}. Por exemplo, no futebol de campo o espaço de jogo e número de jogadores é muito maior, o piso é diferente no futsal e o domínio de bola é feito na sua maioria com a sola do pé²³.

O diretor complementa essa questão ao mencionar que os jovens atletas mais habilidosos, com bom rendimento esportivo “têm a possibilidade de jogar nos times principais de cada categoria” (PEDRO/DIRETOR). Além disso, eles podem também “representar a instituição em competições, como as organizadas pela Federação Paranaense de Futsal” (CLÁUDIO/TÉCNICO). No entanto, conforme afirmou o técnico “poucos atletas são aprovados nos testes e convidados a permanecerem na equipe principal” (CLÁUDIO/TÉCNICO). Vale ressaltar, que o fato de se ter grande potencial esportivo na infância e adolescência não garante que se tenha bons resultados esportivos na idade adulta^{30,32,35}.

Um dos principais fatores de adesão ao futsal por parte dos meninos entrevistados, conforme veremos a seguir, é o gosto/prazer pela prática. Este fator também aparece como central em outros estudos sobre adesão a práticas físico-esportivas^{10,11,27}.

Desde que ele começou a andar, pegava as bolinhas do pinheirinho em casa e começava a jogar [...] era só bola. Então aos quatro anos eu coloquei ele na escolinha, para jogar mesmo, treinar. (MÁRIO/PAI)

Já faz 4 anos que jogo nas equipes do clube, meu pai me trouxe [...]. Eu gosto mesmo do futsal, se deixar, jogo a tarde inteira, na escola, no clube, na praça perto de casa. (JOÃO/ATLETA)

No presente estudo, o gosto pela atividade está atrelado aos fatores “socialização” e “diversão”.

O Pedro adora, se diverte com o jogo. [...] Se não gostassem, não estariam no futsal. (JOSÉ/PAI)

Quando a gente faz gol, a comemoração, o grupo é divertido. Tem o meu melhor amigo que joga, nós estamos sempre juntos. (JOÃO/ATLETA)
Jogo desde os sete anos aqui, meu pai me colocou na escolinha, depois já passei para a equipe mesmo [...] é divertido o futsal, gosto do grupo, tenho vários amigos. (CAIO/ATLETA)

Socialização e amizades^{19,31,36} são condições relevantes à adesão, tanto para os atletas quanto para os pais. Os pais buscam acompanhar os treinos e estar perto de seus filhos, conforme se transcreve na fala de Rubens, pai de atleta:

Eu assisto a maioria dos jogos, gosto do clube, meus dois filhos jogam aqui e possuem vários amigos. Os pais acompanham nessa idade e se viram como podem para estarem aqui. (RUBENS/PAI)

Embora os atletas aparentemente gostem muito do esporte, em determinados momentos eles demonstraram insatisfação com situações relacionadas com os treinos e jogos.

Às vezes o professor me coloca pouco no jogo e logo sou substituído, ninguém gosta disso, de ficar esperando para jogar. (JOÃO/ATLETA)
Eu falo para os pais: “você está colocando seu filho aqui, xingando, passando por injustiça, porque não é fácil levar o menino, bancar tudo” [...]. Quando perdem, eles choram, se estressam e poderiam estar fazendo outra coisa. Quando alguns pais falam que é só diversão, arrumam briga comigo [...]. Dificilmente o menino está ali para diversão. É hipocrisia de dizer que não quer ir para o futebol de campo do clube, ou que não será jogador de futebol. (JOSÉ/PAI)

Observamos, em algumas circunstâncias, os atletas reclamando e/ou chorando em consequência de derrotas, cobranças de melhor desempenho por parte do técnico e/ou colegas, e por participarem pouco durante os jogos, ou seja, para esse estudo a participação no futsal não é somente diversão.

Na maioria das vezes em que o treinador chama os alunos para o canto da quadra que está vazio, sem a presença dos pais/familiares, é para dar bronca nos atletas [...] os pais sabem disso, escutam as broncas, pois no local de treino pesquisado os pais ficam na arquibancada, próximos do que acontece, assim, escutam o treinador no treino cobrar do atleta melhor desempenho [...] situação que muitas vezes gerou constrangimentos entre treinador, atletas, diretor e pais. (DIÁRIO DE CAMPO)

Os pais ou responsáveis entendem que instituições as quais visam o desempenho e profissionalização,

exigem esforço e dedicação por parte dos atletas participantes^{4,8,52}. Ao apoiar o engajamento de seus filhos no futsal, os pais estão conscientes que os últimos enfrentarão muitas dificuldades e “injustiças”, bem como terão que abrir mão de várias outras atividades^{16,19}. No entanto, sabem também que estas experiências, por mais difíceis que sejam, servirão como preparação para uma possível continuidade no esporte. As dificuldades encontradas pelos atletas acabam por ser superadas pelo amor ao esporte e pelo desejo de “profissionalização” no futebol de campo.

Os atletas sonham em se profissionalizar e se destacar no futebol a exemplo de seus ídolos. Ao perguntarmos aos atletas quais jogadores de futsal eles gostariam de ser, eles enfatizaram em um primeiro plano nomes vinculados ao futebol de campo e não ao futsal.

Gostaria de ser o Luizinho [jogador profissional do futebol de campo] porque lembro dele treinando aqui no futsal [...] no futsal eu poderia ser igual ao Falcão. (JOÃO/ATLETA)

Eu sonho em ser reconhecido, como o Messi, Neymar, são os que mais admiro no futebol de campo [...] gostaria de ser o Cristiano Ronaldo, porque jogo de atacante no campo [...] no futsal tem o Falcão. (ROBERTO/ATLETA)

Os atletas do sub-13 comentam sobre o Messi, Cristiano Ronaldo, Neymar [...] o Falcão do futsal até comentam, mas é sobre um lance que aconteceu que a mídia mostra. A maioria dos atletas tem acesso somente à TV aberta, que dificilmente tem futsal, não assistem ao Falcão [...]. Assistem ao futebol de campo e o interesse é totalmente voltado para o campo. (CLÁUDIO/TÉCNICO)

Os jovens iniciantes têm como referência jogadores de futebol de campo de grandes times, que apresentam resultados expressivos e aparecem com frequência na mídia esportiva. Vale destacar que, apesar de o clube pesquisado possuir o futsal adulto, esses jogadores em nenhum momento foram lembrados pelos alunos entrevistados. Constatamos nas observações, frequentes visitas dos atletas profissionais do futebol de campo do clube aos treinos de futsal dos jovens atletas, com a intenção que estes conheçam seus ídolos do futebol do clube e um pouco do dia a dia de um atleta profissional.

Conforme apontam vários estudos^{31,32,52} o “sonho” de profissionalização no futebol, é também um fator preponderante para a procura pelo futsal/futebol em instituições que desenvolvem tais esportes. No caso de nossos entrevistados, o

futsal é considerado pelos atletas, pais e técnicos como uma espécie de “estágio obrigatório” para se chegar ao futebol de campo. Vejamos, por exemplo, a fala de um dos pais:

Quando se inicia aqui na equipe do clube, a gente espera que eles cheguem lá. Tenho o meu outro filho que joga aqui no sub-15 [...]. Todos da minha família são sócios do clube, eles respiram esse clube [...] e o sonho dos dois é chegarem lá! (RUBENS/PAI)

O pai citado acima pertence a uma classe socioeconômica privilegiada e quando usa a expressão “chegar lá”, ele quer dizer “profissionalizar-se” no futebol de campo, conseguir um contrato profissional no clube onde os atletas treinam, ou até mesmo em outro clube reconhecido.

Todos os meninos do time, sabemos que não serão jogadores profissionais, mas aqueles que realmente derem certo no futebol de campo podem arrumar a vida da família inteira! (MÁRIO/PAI)

O desejo das famílias de que seus filhos se tornem atletas profissionais como meio de obtenção de sucesso econômico, a ponto de se poder ajudar a família financeiramente é apontado também em outros estudos^{7,15,17,25,32}. Neste estudo, foi possível observar constantemente a presença dos pais/responsáveis em treinos e jogos. O apoio e perseverança deles é fundamental para a participação das crianças/adolescentes nos treinos e jogos^{11,15,22,52}.

O clube não oferece ajuda de custos para as categorias iniciais [...]. Muitos atletas das equipes são de famílias humildes [...] precisam de ajuda, seja do responsável, ou até dos próprios colegas. Isso é muito comum, desde almoços, lanches, passagens, auxílio em inscrições de campeonatos e caronas para treinos. (PEDRO/DIRETOR)

Os depoimentos anteriormente citados revelam que a equipe de futsal do clube é formada por atletas de diferentes classes socioeconômicas. No caso de um dos pais entrevistados, ele apoiava não somente o seu filho, mas também outro atleta que levava aos treinos:

Eu [responsável] só faço o que ele [atleta] aceita, eu falo para o João “eu não sou empresário”. Mas ajudei ele [atleta] a iniciar aqui no clube, ajudo no que precisar, levo para o treino do futsal e do futebol de campo, ele fica lá em casa com o Pedro, almoça, e falo pra ele: “10 por cento do teu futuro contrato eu vou querer”. (JOSÉ/PAI)

Constatamos nessa situação que o responsável por um dos atletas entrevistados foi fundamental

para este aderir ao futsal do clube e deseja – muito parecido o que faz atualmente um empresário de jogador de futebol de campo – obter retorno financeiro de “10% num futuro contrato”. Vale destacar que, em 2013, o jogador Lucas do São Paulo Futebol Clube⁵³ foi transferido para França por uma quantia de R\$ 109 milhões e nessa transação, diga-se de passagem, rende lucros consideráveis, todos os envolvidos ganham: o empresário, familiares, clube e os sujeitos que dele fazem parte.

O suporte dos pais/responsáveis para a participação dos atletas no futsal é para muitos uma espécie de “aposta no futuro”:

Claro que eu quero que ele se torne jogador de futebol do clube, tem nosso apoio para que faça carreira. Se alguém pretende ser um jogador profissional, além de talento, tem que ter sorte! (MÁRIO/PAI)

O estudo de DAMO³¹ apresenta uma minuciosa análise sobre procedimentos e dispositivos que demarcam a especificidade do processo de profissionalização no futebol masculino. Esta maneira, segundo este autor, demanda planejamento para conversão de jovens talentos em profissionais capazes de exibir suas performances a um público peculiar, engajado em agremiações esportivas. O fator “sorte” não aparece em suas análises. Já em nossa pesquisa, além dos fatores planejamento e talento^{17,32,34}, aparece ainda que o fator sorte é fundamental para o jovem atingir o profissionalismo no futebol.

O técnico entrevistado reforçou também a importância da aquisição de conhecimentos técnicos para o sucesso no esporte.

No começo do ano tive que fazer uma nova seleção. Alguns atletas voltaram para escolinha do clube, porque estavam sem condições como falta de movimentação no jogo, noção de marcação, sem experiência no futsal para essa categoria [...]. Aqui sempre surge um jovem atleta com bom desempenho e não pode ser deixado de fora do grupo. (CLÁUDIO/TÉCNICO)

Não basta apenas talento. Os atletas precisam de dedicação aos treinos e jogos e de um bom desempenho. Aqueles que se destacam nestes quesitos possuem maiores oportunidades de obter e conservar uma vaga no time^{33,38,54}.

Apesar de o clube pesquisado fornecer todas as etapas de desenvolvimento do atleta, da iniciação ao alto rendimento^{23,32}, o processo de formação de atletas do mesmo se baseia no paradigma da iniciação esportiva pautado no esporte de alto

rendimento, modelo este discutido por autores tais como REZER³⁸ e SANTANA et al.³⁰. Este processo se dá em um ambiente competitivo sob a influência do futebol profissional.

A convivência entre os praticantes do clube se dá na maioria das vezes dentro das quadras. Durante nossas observações não vimos durante os treinamentos, em nenhum momento, os jovens atletas recebendo do técnico, ou diretor, informações e/ou orientações relacionadas à carreira esportiva dos jogadores de futsal/futebol. O clube se restringe ao desenvolvimento das habilidades motoras, técnicas e táticas do esporte. Esta abordagem é comum em outros ambientes esportivos e precisa ser problematizada. Conforme apontam alguns autores, a formação de atletas idealmente deve levar em consideração o desenvolvimento dos mesmos como um todo, considerando um trabalho com valores e atitudes (p. ex., honestidade, cooperação, coleguismo, disciplina, autonomia, busca de excelência) e a formação dos mesmos como cidadãos^{36,50}.

De acordo com GOULD⁵⁵, a adoção de modelos profissionais para o trabalho com jovens atletas constitui-se em um dos maiores problemas da iniciação esportiva contemporânea. A preocupação exacerbada com a vitória em campeonatos tem influenciado ações de organizações esportivas^{24,39} e tem estado acima de um comprometimento para com o estímulo de diferentes experiências motoras e vivências educacionais dos jovens atletas⁵⁶, que na maioria das vezes, não conseguem seguir carreira no futsal/futebol.

O técnico esportivo e um dos pais entrevistados, respectivamente, salientaram ainda que a reputação do clube é outro fator de adesão ao futsal da instituição estudada.

O nome desse clube atrai os pais para iniciarem seus filhos aqui, porque existe possibilidade de jogar no futebol de campo profissional desse, ou de outros clubes do país. (CLÁUDIO/TÉCNICO)
Iniciei meu filho aqui porque esse clube é reconhecido por formar jogador de futebol profissional, acredito que todos [diretores, técnicos] possuem essa mentalidade. (MÁRIO/PAI)

O fato de os pais ou responsáveis iniciarem seus filhos no futsal, mas em uma instituição “voltada ao futebol de campo”, está relacionado com o desejo de que os últimos se tornem futuros profissionais desse esporte. Importante ressaltar que diversos jogadores brasileiros de futebol, consagrados mundialmente neste esporte, como, Ronaldinho, Kaká e Neymar possuem um fato em

comum com relação à trajetória esportiva: iniciaram no futsal²⁹. Com as observações, ficou claro que essa expectativa está incorporada⁵⁷ nos sujeitos entrevistados do ambiente pesquisado. Assim, como o Brasil se destaca no cenário mundial em ambas as modalidades (futsal e futebol), talvez esse costume, *habitus*⁵⁷, possa ser levado para diferentes regiões do planeta.

No depoimento abaixo, essa questão pode ser complementada.

O meu filho possui condições para ser jogador de futebol, senão não estaria nesse grupo do futsal, porque não é para qualquer um jogar aqui, e todos valorizam isso, pois muitos jogadores profissionais, começaram aqui no futsal, saíram e fizeram carreira no campo [...] sem contar que eles (jovens atletas) foram selecionados para estarem aqui. (MÁRIO/PAI)

Os depoimentos ao longo deste texto revelam o reconhecimento do futsal competitivo do clube investigado como sinal de status⁵⁸. Em outras palavras, constatamos que é um orgulho para pai o fato de seu filho fazer parte do grupo sub-13 de futsal, o qual pode ser considerado pelos inseridos nesse cenário esportivo, como seletivo e diferenciado.

Outro fator de adesão, conforme depoimentos dos pais abaixo, é a confiança destes no trabalho dos técnicos, os quais são conhecidos por serem exigentes e formarem atletas bem-sucedidos no meio profissional:

Os técnicos já são mais profissionais, trabalham no futsal adulto do clube [...]. O técnico pega pesado mesmo, não tem essa de cair e ficar chorandinho! Assim é que se aprende para o futebol de campo. (MÁRIO/PAI)

Os técnicos são específicos do futsal, levam muito a sério e percebemos que existe uma maneira de trabalhar. Isso às vezes assusta os atletas novos que chegam, mas se quiser ser jogador mesmo, vai ter que sofrer! (JOSÉ/PAI)

Nossas observações constataram que os técnicos propunham atividades variadas e dinâmicas relacionadas com o jogo propriamente dito, esclareciam dúvidas, corrigiam possíveis erros, bem como cobravam disciplina dos atletas. O seu trabalho exigia dedicação e um nível de excelência no desempenho dos atletas muito semelhantes ao que se exige de uma equipe profissional.

Para os pais a estrutura física e o ambiente supostamente seguro do clube são outros atrativos para a adesão dos jovens ao futsal.

O clube oferece estrutura para se treinar futsal, o espaço é amplo, sempre tem treino e ficamos tranquilos em deixar os meninos no clube. (JOSÉ/PAI)

Eu fico tranquilo, feliz de deixá-los no clube, pois meus filhos estão em segurança, o Pedro treina no sub-13 e fica esperando o irmão até às 18h aqui no clube. (RUBENS/PAI)

A estrutura física do ambiente esportivo influencia na escolha de atividades esportivas^{16,19}. No caso do clube estudado, este conta com dois ginásios, uma quadra de futebol *society*, duas quadras de futebol de areia, uma piscina e sala de musculação. Os treinos são normalmente desenvolvidos em um dos ginásios.

Outro motivador para a adesão dos atletas ao futsal é a regularidade dos treinos:

Os dias dos treinos são sempre os mesmos, [...] o clube é organizado nesse sentido [...] isso também facilita na nossa organização em levá-lo, buscá-lo [atleta], dificilmente não temos treinos, somente em alguns dias de jogos, conseqüentemente os alunos quase não faltam. (RUBENS/PAI)

Dessa maneira, a adesão segundo os pais, é facilitada por aspectos que envolvem a organização do clube com relação ao planejamento para os treinos. Os resultados de diversos estudos^{55,59,60} são unânimes em relação à necessidade de um planejamento para se atingir e melhorar o rendimento esportivo, a partir de um processo devidamente organizado, porém que respeite as diferentes etapas^{23,32} (iniciação esportiva, alto rendimento) do desenvolvimento esportivo do atleta.

Para o técnico, o horário de realização do futsal também é atrativo:

Os treinos do sub-13 é às 15h30, não temos reclamação quanto ao horário e isso facilita o aluno iniciar aqui, principalmente aqueles que residem na região metropolitana de Curitiba e precisam pegar ônibus para vir e voltar do treino. (CLÁUDIO/TÉCNICO)

O intervalo entre o horário das atividades escolares e do início dos treinos possibilita a adesão de alguns atletas que residem longe do clube. Como este não oferece transporte para os atletas, alguns se utilizam de transporte público e outros vão com pais ou responsáveis que se organizam para levá-los e buscá-los. A logística de acesso ao local, conforme apontam PRATT et al.⁶¹ e BROWNSON et al.⁶², é fundamental para a adesão a práticas esportivas em grandes metrópoles.

O futsal na escola

A escola onde realizamos a pesquisa está entre as maiores da cidade e atende uma classe socioeconômica favorecida. Além das atividades curriculares, ela oferta também atividades de contraturno – todas pagas – no âmbito esportivo (p. ex. judô, vôlei e futsal) e cultural (p. ex. teatro, dança, violão). Para fins deste estudo abordaremos o futsal enquanto atividade extracurricular – e não enquanto conteúdo da disciplina Educação Física. Estudamos o futsal oferecido no período de contraturno escolar duas vezes por semana das 18h às 18h50, para alunos da categoria sub-13, a qual na época da pesquisa, contava com 26 alunos. Este grupo não participava de campeonatos regulares. O mesmo participava apenas de um festival esportivo por semestre que envolvia somente os próprios estudantes da escola.

A performance⁵⁰ na atividade extraescolar de futsal, ou em outro esporte qualquer não é o foco da escola. Para a mesma, o importante é a formação dos praticantes através do esporte. Os pais e alunos aparentemente valorizam esta formação:

O esporte é muito importante, não pelo aprendizado de drible, passe [...]. Acredito na filosofia da escola para formação do aluno, por isso que ele estuda aqui [...] então, tem as normas toda do esporte, as regras, e aluno deverá seguir, não só no esporte, mas servem para o dia a dia, isso observo que é cobrado nas aulas de esportes. (EDSON/PAI)

No dia que tem futsal, saímos da aula às 17h40 e já descemos para a quadra e se chegar atrasado, sem uniforme do colégio, não vai jogar, o professor cobra isso [...]. Não gosto quando tinha muita falta [carrinho, empurrão] no jogo, agora passamos a bola, não dá para jogar sozinho. (KELVIN/ALUNO)

Percebemos nas passagens acima e durante as observações que não existe um foco no aprendizado da parte técnica, tática ou desempenho esportivo, mas sim em questões tais como assiduidade, disciplina e respeito para com os colegas e normas do jogo e da escola. Esta forma de pensar e agir está em consenso com o que apregoam vários autores que valorizam o esporte, desenvolvido em diferentes contextos, como um meio privilegiado para o desenvolvimento de valores e preparação para o exercício da cidadania^{41-43,55,63}. Isto, no entanto, nem sempre acontece. Embora se tenha ciência de que o esporte possa se constituir em importante

instrumento de facilitação de processos de ensino e aprendizagem^{39,54}, esta abordagem – do esporte como atividade de contraturno escolar – está ainda pouco desenvolvida nas escolas brasileiras^{37,41}.

A escola por nós estudada possui turmas de treinamento de várias modalidades esportivas que compõem os times que representam a instituição em competições escolares, tais como os jogos escolares, que requerem certo desempenho esportivo para que se possa disputar etapas mais avançadas do campeonato em níveis regional e nacional⁶⁴. Estas visam resultados, o que não identificamos acontecer no caso do grupo que estudamos. O objetivo deste, conforme os dados levantados, é formar os alunos por via do esporte.

Durante as observações na escola, verificamos pais, familiares e/ou outros responsáveis convivendo de forma respeitosa e mantendo uma boa comunicação entre si e com as crianças. Eles costumavam agir civicamente e de acordo com as circunstâncias do jogo. Os mesmos demonstravam apoiar os alunos com palavras e gestos. Durante os intervalos alguns deles também repassavam dicas às crianças sobre como melhorar no jogo. Não verificamos nenhum caso de pais, responsáveis ou familiares verbalizando julgamentos quanto às atitudes do treinador, quanto às formas com que o mesmo tratava as crianças, ou quanto à metodologia das aulas.

Vários autores^{40,65,66} afirmam que a iniciação esportiva escolar que visa desempenho, por si só, não se constitui em um problema. O que pode se tornar um problema são determinadas metodologias que tratam as crianças como adultos e/ou que são permeadas por excesso de cobranças em termos de resultados. Desta forma, não se deve descartar a possibilidade de se ensinar a criança a competir. A competição pode enriquecer o processo de desenvolvimento da mesma e estimular a assimilação de valores a essa prática, tais como, coletividade, superação, humildade e disciplina^{36,39,67}. Saber conviver e participar em contextos competitivos é fundamental para a vida em sociedade. A competição está presente nas mais variadas situações de vida, por exemplo, na disputa pelo mercado de trabalho^{2,68}.

Outro objetivo do futsal na escola pesquisada é o de atender uma demanda de mercado²⁵, como relata o diretor esportivo.

Estamos atentos em atender uma demanda específica. Isso é um diferencial da nossa escola aqui da região central [...] Todas as atividades extraclasse oferecidas pelo colégio estão com as turmas lotadas. (JORGE/DIRETOR)

Conforme apontam BASSANI et al.⁴⁰, RUBIO³⁹, LUGUETTI et al.³⁷, a escola pode atender um espaço importante no processo de iniciação esportiva. Para isso, precisa propor esportes e manter os alunos na sua prática, logo, fazer com que os esportes façam parte do cotidiano de todos aqueles envolvidos na cultura escolar. Assim, para os autores, a prática extracurricular pode gerar importantes recursos simbólicos, materiais e também financeiros nas escolas brasileiras.

Constatamos que os pais permitem que seus filhos escolham e mudem de atividades de acordo com a sua preferência, conforme podemos observar nos relatos abaixo.

Se meu filho quiser mudar para outro esporte oferecido pelo colégio, não me importo [...] ele quer fazer lutas, aqui na escola oferecem o judô e ele já comentou que tem uns amigos que fazem e ficou interessado neste esporte. (EDSON/PAI)

Os pais gostam muito das atividades esportivas, eles elogiam demais e percebo que é um prazer para o pai ver o seu filho jogar qualquer um dos esportes oferecidos pela escola [...] tem pai que coloca seu filho em duas atividades, por exemplo, vôlei e futsal [...] também procuramos sempre manter com boa qualidade os nossos espaços esportivos. (JORGE/DIRETOR)

Os estudos de BRITO et al.³⁵, CÔTÉ e GILBERT⁶⁰ e VANDORPE et al.⁶⁹ ressaltam que a prática variada de diferentes esportes na iniciação esportiva pode contribuir para uma etapa de especialização esportiva mais consistente. COELHO E SILVA et al.¹⁶ procuraram identificar os motivos da desistência dos jovens no esporte em um determinado contexto e revelou que pais e alunos procuravam outros ambientes esportivos para buscarem melhores condições de treinos. Também, os autores constataram que os jovens não abandonavam o esporte, na verdade, buscavam praticar outras modalidades esportivas, as quais não eram oferecidas no local do estudo.

A escola pesquisada possui estrutura física e humana para a prática de diferentes esportes, disponibiliza quatro quadras cobertas e um ginásio poliesportivo, as aulas são ministradas por um profissional de Educação Física com o auxílio de estagiários também da área de Educação Física. Esta estrutura motiva a adesão dos alunos às aulas de futsal. Vejamos as falas dos pais:

A escola passa confiança [...] todos aqueles envolvidos no processo de ensino são educadores [...]. Meu filho joga aqui desde os setes anos, em virtude de a escola disponibilizar uma excelente

estrutura e apoio [...]. O local é reservado somente para eles, já os professores fornecem um bom suporte aos alunos. (VICENTE/PAI)

O professor possui auxiliares [estagiários remunerados] que ajudam na dinâmica da aula, por exemplo, quando algum dos participantes se machuca, o auxiliar logo encaminha esse aluno ao ambulatório escolar. (EDSON/PAI)

Conforme as observações, em geral os treinos de futsal começavam com breve aquecimento – o qual era composto por fundamentos técnicos do esporte – seguido de em média três partidas de aproximadamente 10 minutos. Em alguns treinos observamos pais/responsáveis comentarem sobre a evolução técnica e tática dos alunos, o que demonstrava que os mesmos pareciam compreender que os participantes precisariam se aprimorar em alguns aspectos. Durante as observações verificamos algumas cobranças entre os alunos com a finalidade de todos fazerem o melhor de si durante os treinos e jogos. Porém, não constatamos preocupação exacerbada com aqueles que falharam no momento do gol do adversário. O professor, por sua vez, costumeiramente orientava e motivava a equipe que sofreu o gol.

O tempo da aula foi dividido de forma com que os alunos pudessem jogar o máximo possível e o professor supervisionava a divisão das equipes de forma com que as mesmas ficassem o mais equilibradas possível. Ele muitas vezes parava o jogo para corrigir problemas tais como desrespeito às normas ou aos colegas, visando promover o desenvolvimento de valores no grupo. Tais resultados estão de acordo com a literatura da pedagogia do esporte^{59,60,65,67,68}, a qual orienta por exemplo, que na iniciação esportiva todos os jovens de uma equipe participem igualmente – de uma maneira organizada – dos treinos e jogos. Ainda, primeiramente, os jovens precisam gostar do esporte praticado e o professor/treinador deve desenvolver um ambiente esportivo de bom convívio entre os envolvidos (pais, alunos, professores), por exemplo, sem excesso de pressão por desempenho^{23,67} e buscar a partir dos treinos e jogos estimular os valores – supracitados – do esporte^{36,39,50,68}.

Para os alunos, o convite de amigos é outro grande incentivo para à adesão ao futsal:

Os amigos da sala que me convidaram a fazer futsal, nós já estamos desde a primeira série juntos e sempre jogamos, no recreio, ou no final de semana na casa do João. (BRENO/ATLETA)

O futsal é divertido, gosto quando faço gol, eu não sou tão bom, e aí eu fico com os meninos

que não são tão bons, são meus melhores amigos [...]. O meu amigo, ela já fazia, então ele não quis ficar sozinho e me chamou, junto com meu outro amigo. (FRED/ATLETA)

KLINT e WEISS⁹ constataram num estudo envolvendo jovens ginastas, que o medo de perder amigos é um dos motivos delas serem resistentes à interrupção e permanecerem na participação deste esporte. MATOS e CRUZ¹⁹, num estudo com diversos jovens ex-praticantes de modalidades individuais e coletivas na escola, identificaram que um dos motivos dos jovens abandonarem a prática esportiva era o fato de que seus amigos também haviam desistido do esporte.

Juntamente com o fator “socialização”, outro fator de adesão à prática é o “gosto” pelo esporte:

É muito engraçado, pois no dia do futsal os alunos já ficam uniformizados para o jogo já às 13h. Tem uns alunos que ficam a tarde inteira de caneleira. Quase todo ano estão na mesma sala. Então os comentários sobre o jogo são frequentes em sala de aula, acreditamos que isso facilita bastante a adesão, pois são colegas que chamam colegas. (JORGE/DIRETOR)

Eles [alunos] chamam os amigos da sala, no sub-7 tenho uma turma, formada por alunos da mesma sala e tem a diversão, no sub-13 eu vejo que eles gostam bastante. (FÁBIO/PROFESSOR)

Os alunos pesquisados gostam de praticar futsal na escola com seus amigos que convivem em sala de aula e demais espaços e atividades da instituição.

A parte principal da aula é quando acontece o jogo, esperamos por esse momento o dia todo, gostamos muito de jogar entre a gente. (DIOGO/ATLETA)

No começo da aula fazemos alguns aquecimentos, pedimos para que sejam bem rápidos e assim jogarmos bastante tempo. (BRENO/ATLETA)

Tal como em nossa pesquisa, outros trabalhos também avaliaram que o prazer, a diversão e a relação entre os participantes de um grupo esportivo são motivos fundamentais para a adesão à uma determinada modalidade esportiva^{2,23,24,42}.

As ideias dos pais relatadas convergem com as ditas acima.

Iniciou por causa dos colegas [...] ele acha muito divertido, ele joga na educação física [...]. Ele interage demais com os colegas, tem vários colegas da sala dele no futsal. (VICENTE/PAI)

No caso do presente estudo verificamos que esses motivos (diversão, ambiente de jogo) são

fortalecidos por meio de uma relação intensa de convívio (em quadra, sala de aula, finais de semana) entre os participantes. Outros fatores importantes para a adesão dos jovens ao futsal são os horários da atividade e a facilidade de acesso ao local do colégio:

A antiga escolinha também era legal [...] mas ficou muito longe, agora eu estudo aqui e moro bem perto [centro] [...]. O futsal já é no colégio mesmo, e facilita para os meus pais e tenho vários amigos aqui. (DIOGO/ALUNO)

O horário facilitou ele fazer o futsal, aí passo aqui depois do trabalho. A gente aproveita o tempo sabe, chego mais rápido aqui no centro. (JOAQUIM/PAI)

O horário está perfeito. Isso é bom, aí ele não fica pela escola passeando e faz alguma coisa e chego logo quando termina a aula. (VICENTE/PAI)

O fato de o futsal acontecer na própria escola, logo após as aulas, facilita a vida dos pais que não precisam pegar seus filhos e levá-los para outro local onde possam realizar a prática desse esporte. Vários estudos reportam que a facilidade de deslocamento (ou a não necessidade de deslocamento) até o local da prática^{61,62} e horário da prática esportiva^{11,16} são importantes fatores para a participação de jovens em determinadas atividades esportivas.

Para finalizarmos esta parte, ressaltamos a partir das observações e entrevistas, que ser um futuro jogador de futebol não é critério para iniciar no futsal escolar. Entendemos que nesse caso as ideias convergem entre os participantes da escola, porque não há pressão familiar para o aluno ser jogador de futebol, conforme demonstram os relatos abaixo:

Não é assim: meu filho vai ser jogador [...]. Está fazendo o futsal por vontade dele, nem ele comenta de ser jogador, o importante é ele estar bem com os colegas. (JOAQUIM/PAI)

O plano dele agora é fazer Direito [...] sempre muda. Ele gosta do jogo, mas não vejo com um fanatismo grande pelo futebol, assiste futebol às vezes [...] não vejo um sonho, a família também não cobra, ele é muito criança ainda. (EDSON/PAI)

Não penso que serei profissional, não sou tão bom assim [...]. Nós tentamos fazer nos treinos jogadas parecidas com o que os jogadores de futebol, Neymar, Messi, fazem. São difíceis, alguns conseguem fazer boas jogadas na aula, mas ninguém joga tão bem assim, por isso o futebol não será nossa profissão. (FRED/ALUNO)

Diferentemente dos pais e atletas inseridos no futsal clubístico, nem os pais e nem os alunos envolvidos com a escola expressaram desejo de profissionalização no futsal ou no futebol de campo.

O professor relatou um caso que está em consonância com as observações e as falas supracitadas.

Tive um aluno esse ano que foi para o clube, mas a mãe não gostou do ambiente, pois é diferente a maneira do técnico conduzir a aula [...] ela reclamou até dos pais do clube, era muita pressão. O menino é bom, tem talento, ficaria facilmente no clube, mas não pode queimar [expor], tem que ver o que os pais querem, porque acho que o menino nem quer isso para ele. Então, no geral, aqui no futsal da escola, não vejo uma pressão dos pais para que o aluno se torne jogador. (FÁBIO/PROFESSOR)

Assim como visto em outros estudos^{11,14,15} similares ao desta pesquisa, o apoio dos pais é fundamental para a adesão de seus filhos em uma prática extraclasses da escola pesquisada. Para os pais, o importante é que os seus filhos se engajem em uma atividade física e que também se sintam bem no grupo esportivo.

Ao compararmos o futsal do clube com a da escola, verificamos que a adesão ao futsal no contexto da escola está relacionada às amizades e ao ambiente de jogo presente na mesma. O sonho de ser um jogador profissional não é primordial nem para os alunos e nem para os seus pais. O importante para os pais é que seus filhos participem em alguma das atividades físico-esportivas oferecidas pela escola. Outros atrativos para a adesão são a estrutura física da escola e o trabalho dos professores.

Por outro lado a adesão ao futsal no clube se dá principalmente pelo desejo, independente da classe socioeconômica, tanto dos pais, quanto dos atletas que os últimos sigam carreira no futebol de campo, o que pode se dar no contexto do próprio clube, uma vez que este tem tradição na formação de jogadores profissionais. Existe uma expectativa por parte dos pais/responsáveis de que todo o esforço investido nos treinos se concretize em futuras recompensas financeiras.

Fatores tais como a proximidade de moradia, horário das atividades e facilidade de deslocamento são pertinentes à adesão ao futsal da categoria sub-13, tanto no clube quanto na escola. Já no caso da adesão ao futsal do colégio, esta é favorecida devido ao fato de todos os alunos já estarem na escola, ou seja, estudam no período da tarde. O fato de os alunos poderem ficar na escola até mais tarde para a prática do futsal é benéfica em dois sentidos: otimiza o tempo do aluno para uma prática esportiva e facilita a logística de deslocamento dos pais. Os pais não precisam levar seus filhos para outros locais para fazer a prática. Além disso, como podem buscar seus filhos mais tarde na escola, evitam o trânsito congestionado de fim de tarde.

O gosto e o prazer pelo esporte é elemento fundamental para a adesão ao futsal em ambas as instituições pesquisadas. No futsal escolar, a convivência com os colegas de escola no período de contraturno é também um grande atrativo para a adesão a este esporte. Já no caso do clube, outro grande atrativo é a boa atuação nos treinos e jogos.

Os objetivos da escola e do clube são divergentes. O primeiro visa resultados, enfatiza o desenvolvimento motor e aspectos técnicos da performance dos atletas. Já o segundo visa a complementação da formação dos alunos em uma atividade extracurricular. Embora divergentes, os objetivos e valores da escola e do clube são apreciados pelos pais e alunos entrevistados de cada uma destas instituições. Outros estudos poderiam complementar a presente pesquisa, de modo a investigar algumas questões que por razões metodológicas, não foram aqui discutidas. Seria possível achar um melhor equilíbrio entre a abordagem existente no clube e na escola? Seria este equilíbrio desejável? Ele poderia melhor atender às necessidades dos participantes envolvidos? Ainda outra questão interessante a ser investigada é se os atletas do futsal que prosseguem carreira no futebol, não saem com uma visão limitada do que significa ser um jogador profissional, considerando por exemplo, os diferentes interesses envolvidos no meio futebolístico. Apesar deste trabalho ter sido limitado a dois cenários específicos, os seus resultados possam talvez ser úteis a outros contextos similares.

Abstract

Of the fun between friends to dream career in soccer: accession to the school and club futsal factors

The article sought to investigate adhesion in futsal for young males under-13 category in a private school and of sports club from the city of Curitiba. Data were collected through interviews with 17 subjects: parents,

teacher/coach and student/athletes and also performed unsystematic observations for six months in local practices and games the teams. Our main conclusions are that the school students playing futsal because the game takes place between friends. At the club, the main factor of accession is the professionalization of the football field of the same club and so the sport can come to become future profession and financial reward.

KEYWORDS: Soccer; Adhesion; Teenagers; Sport.

Referências

1. Alonzo JLN, Lucas JMA, Rodrigues GM. Estudos empíricos: motivos de início, manutenção, cambio y abandono. In: Alonzo JLN, Lucas JMA, Rodrigues GM. *Motivos, motivación y deporte*. Salamanca: Tesitex; 1999. p. 81-131.
2. Coelho e Silva M, Malina RM. Biological and social relationships in participation motivation in youth sports. In: Coelho e Silva M, Malina RM, editors. *Children and youth in organized sports*. Coimbra: Coimbra University Press; 2004. p. 54-69.
3. Gill D, Gross JB, Huddleston S. Participation motivation in youth sports. *Int J Sports Psychol*. 1983;14(1):1-14.
4. Weiss MR. Psychological effects of intensive sport participation on children and youth: self-esteem and motivation. In: Cahill BR, Pearl AJ, editors. *Intensive participation in children's sports*. Champaign: Human Kinetics; 1993. p. 39-69.
5. Januário N, Colaço C, Rosado A, Ferreira V, Gil R. Motivação para a prática desportiva nos alunos do ensino básico e secundário: influência do gênero, idade e nível de escolaridade. *Motri*. 2012;8(4):38-51.
6. Finn A. *Running with the Kenyans: discovering the secrets of the fastest people on earth*. London: Faber & Faber; 2012.
7. Jarvie G, Sikes M. Running as a resource of hope? Voices from Eldoret. *Rev Afr Polit Econ*. 2012;39(134):629-44.
8. Wilson B, Van Luijk N, Boit MK. When celebrity athletes are 'social movement entrepreneurs': a study of the role of elite runners in run-for-peace events in post-conflict Kenya in 2008. *Int Rev Sociol Sport*. 2015; 50(8):929-57.
9. Klint, KA, Weiss MR. Dropping in and dropping out: participation motives of current and former youth gymnasts. *Can J Appl Sport Sci*. 1986;11(2):106-14.
10. Scaglia AJ. *O futebol e os jogos/brincadeiras de bola com os pés: todos semelhantes, todos diferentes [tese]*. Campinas (SP): Universidade Estadual de Campinas; 2003.
11. Souza DL, Mezzadri FM. Adesão e aderência da criança à atividade física regular: apontamentos para políticas públicas. *Rev Educ Fis UEM*. 2009;20(3):441-52.
12. Gould DP, Feltz DL, Weiss MR, Petlichkoff L. Participation motives in competitive youth swimmers. In: Orlick T, Partington JT, Salmela JH, editors. *Mental training for coaches and athletes*. Ottawa: Coaching Association of Canada; 1982. p. 57-59.
13. Ewing, ME, Seefeld V, Brown TP. Role of organization sports in the education and health of American children and youth. In: Poinsett A, editor. *The role of sports in youth development*. New York: Carnegie Corporation of New York; 1996. p. 153-65.
14. Coakley J, White A. Making decisions: gender and sport participation among British adolescents. *Sociol Sport J*. 1992;9(1):20-35.
15. Wilson DK, Lawman HG, Segal M, Chappel S. Neighborhood and parental supports for physical activity in minority adolescents. *Am J Prev Med*. 2011;41(1):399-406.
16. Coelho e Silva MJ, et al. Atrito dos jovens com o formato organizado e competitivo de participação desportiva. In: Coelho e Silva MJ, Gonçalves CE, Figueiredo AJ, coordenadores. *Desporto de jovens ou jovens no desporto?* Coimbra: Universidade de Coimbra; 2006. p. 147-82.
17. Cavichioli FR, Cheluchinhak AB, Capraro AM, Marchi Júnior W, Mezzadori FM. O processo de formação do atleta de futsal e futebol: análise etnográfica. *Rev Bras Educ Fis Esporte*. 2011;25(4):631-47.
18. Mueller MK, Phelps E, Bowers EP, Agans JP, Urban JB, Lerner RM. Youth development program participation and intentional self-regulation skills: contextual and individual bases of pathways to positive youth development. *J Adolescence*. 2011;34(6):1115-25.
19. Matos MF, Cruz JFA. Desporto escolar: motivações para a prática e razões para o abandono. *Psicol Teor Investigação Prat*. 1997;2:459-90.
20. Caregnato AF, Szeremeta T, Luz WRSA, Silva CL, Costa I, Cavichioli FR. A produção científica sobre futsal: análise de dissertações e teses publicadas no portal da Capes entre 1996-2012. *Motriviv*. 2015;27(46):15-34.
21. Ferreira T, Moreira EC. O que tanto interessa no futebol e no futsal? Uma análise dos trabalhos de conclusão de curso em Educação Física. *Motriviv*. 2017;29(50):77-89.

22. Weinberg RS, Gould D. Fundamentos da psicologia do esporte e do exercício. 2a ed. Porto Alegre: Artmed; 2001.
23. Santana WC. Futsal: metodologia da participação. Londrina: Lido; 1996.
24. Busso GL. O jogo de futebol no contexto escolar e extraescolar: encontro, confronto e atualização [dissertação]. Campinas (SP): Universidade Estadual de Campinas; 2009.
25. Giglio SS, Rubio K. Futebol profissional: o mercado e as práticas de liberdade. Rev Bras Educ Fís Esporte. 2013;27(3):387-400.
26. Federação Paranaense de Futsal. Metropolitano 2017 [Internet]. Curitiba: Federação Paranaense de Futsal; 2017 [citado 22 set 2017]. Disponível em: http://www.futsalparana.com.br/index.php?option=com_content&view=article&cid=3030&Itemid=24.
27. Freire JB. Pedagogia do futebol. Campinas: Autores Associados; 2006.
28. Rodrigues N. A pátria em chuteiras. São Paulo: Companhia das Letras; 1994.
29. 29. Confederação Brasileira de Futebol de Salão. Das quadras para os campos [Internet]. São Paulo: CBFS; 2012 [citado 6 out 2012]. Disponível em: <http://www.cbfs.com.br/2015/index.html>
30. Santana WC, França VS, Reis HHB. Perfil do processo de iniciação ao futsal de jogadores juvenis paranaenses. Motriz. 2007;13(3):181-7.
31. Damo AS. Do dom à profissão: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França [tese]. Porto Alegre (RS): Universidade Federal do Rio Grande do Sul; 2005.
32. 32. Rodrigues FFX. A formação do jogador de futebol no Sport Club Internacional (1997-2002) [dissertação]. Porto Alegre (RS): Universidade Federal do Rio Grande do Sul; 2003.
33. Carling C, Williams AM, Reilly T. Handbook of soccer match analysis: a systematic approach to improving performance. New York: Routledge; 2005.
34. Malina RM. Biological maturity status of young athletes. In: Malina RM, editor. Young athletes: biological, psychological, and education perspectives. Champaign: Humans Kinetics; 1998. p. 121-140.
35. Brito N, Fonseca AM, Rolim R. Os melhores atletas nos escalões de formação serão igualmente os melhores atletas no escalão sênior? Análise centrada nos rankings femininos das diferentes disciplinas do atletismo ao longo das últimas duas décadas em Portugal. Rev Port Cienc Desporto. 2004;4(1):17-28.
36. Campestrini GRH. A responsabilidade social na formação de praticantes para o futebol: análise do processo de formação em clubes brasileiros [dissertação]. Lisboa (LI): Universidade Técnica de Lisboa; 2009.
37. Luguetti CN, Dantas LT, Nunomura M, Bohme MTS. Práticas esportivas escolares em Santos-SP: o ponto de vista de professores/treinadores. Motriz. 2013;19(1):10-21.
38. Rezer R. A prática pedagógica em escolinha de futebol/futsal: possíveis perspectivas de superação [dissertação]. Florianópolis (SC): Universidade Federal de Santa Catarina; 2003.
39. Rubio K. Educação olímpica e responsabilidade social. São Paulo: Casa do Psicólogo; 2007.
40. Bassani JJ, Torri D, Vaz AF. Sobre a presença do esporte na escola: paradoxos e ambiguidades. Movim. 2003;9(2):89-112.
41. Bracht V. Esporte de rendimento na escola. In: Stigger MP, Lovisolo H, organizadores. Esporte de rendimento e esporte na escola. Campinas: Autores Associados; 2009. p. 11-26.
42. Darido SC. A educação física na escola e o processo de formação dos não praticantes de atividade física. Rev Bras Educ Fís Esporte. 2004;18:61-80.
43. Paes RR. Esporte educacional. 1o Congresso Latino-Americano de Educação Motor; 1998; Campinas, BR. Campinas: Unicamp; 1998. p. 109-14.
44. Gil AC. Como elaborar projetos de pesquisa. São Paulo: Atlas; 1995.
45. Bardin L. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70; 1995.
46. Richardson RJ. Pesquisa social: métodos e técnicas. São Paulo: Atlas; 2010.
47. Brasil. Presidência da República. Lei nº 12.395, de 16 de março de 2011 [Internet]. Altera as Leis 9.615, de 24 de março de 1998, que institui normas gerais sobre desporto, e 10.891, de 9 de julho de 2004, que institui a Bolsa-Atleta; cria os Programas Atleta Pódio e Cidade Esportiva; revoga a Lei 6.354, de 2 de setembro de 1976; e dá outras providências. Brasília, DF: Diário Oficial da União; 17 mar 2011 [citado 6 out 2012]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2011/Lei/L12395.htm#art1.
48. Mará M. Papões de títulos, Inter e São Paulo são os campeões de vender craques. Globo Esporte [Internet]. 1 jan 2013 [citado 22 set 2017]. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/futebol/noticia/2013/01/papoes-de-titulos-inter-e-sao-paulo-sao-os-campeoes-de-vender-craques.html>.
49. Lourenço L. Santos notifica PSG, e Neymar intervém para ex-clubes receber R\$ 33 milhões. Globo Esporte [Internet]. 4 ago 2017 [citado 23 set 2017]. Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/sp/santos-e-regiao/futebol/times/santos/noticia/santos-notifica-psg-e-neymar-intervem-para-ex-clubes-receber-r-33-milhoes.ghtml>.

50. Daolio J. Cultura, educação física e futebol. Campinas: Ed. Unicamp; 2003.
51. Truyens J, De Bosscher, Heyndels B, Westerbeek H. A resource-based perspective on countries' competitive advantage in elite athletics. *Int J Sport Policy Polit.* 2014;6(3):459-89.
52. Rial C. Rodar: a circulação dos jogadores de futebol brasileiros no exterior. *Antropol Primeira Mão.* 2009;14:5-32.
53. Prado M. São Paulo confirma venda de Lucas para PSG: mais de R\$ 108 milhões. *Globo Esporte [Internet].* 2012 [citado 28 set 2017]. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/futebol/noticia/2012/08/sao-paulo-confirma-venda-de-lucas-para-psg-mais-de-r-108-milhoes.html>.
54. Garganta J. A análise da performance nos jogos desportivos: revisão acerca da análise do jogo. *Rev Port Cienc Desporto.* 2001;1(1):57-64.
55. Gould D. The professionalization of youth sports: it's time to act! *Clin J Sport Med.* 2009;19(2):81-2.
56. Gallahue DL, Ozmun JC. Compreendendo o desenvolvimento motor: bebês, crianças, adolescentes e adultos. São Paulo: Phorte; 2003.
57. Elias N. O processo civilizador: uma história dos costumes, volume 1. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; 1994.
58. Elias N, Scotson JL. Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; 2000.
59. Greco PJ, organizador. Iniciação esportiva universal 2: metodologia da iniciação esportiva na escola e no clube. Belo Horizonte: Ed. UFMG; 1998.
60. Côté J, Gilbert W. An integrative definition of coaching effectiveness and expertise. *Int J Sport Sci Coaching.* 2009;4(3):307-22.
61. Pratt M, Sarmiento OL, Montes F, et al. The implications of megatrends in information and communication technology and transportation for changes in global physical activity. *Lancet.* 2012;380(9838):282-93.
62. Brownson RC, Boehmer TK, Luke DA. Declining rates of physical activity in the United States: what are the contributors? *Ann Rev Public Health.* 2005;26:421-43.
63. Portela FAS. Fair play, que fair play?! Doutrina, ou exercício da moral? [dissertação]. Rio de Janeiro (RJ): Universidade Gama Filho; 1999.
64. Costa IC, Hercules ED, Caregnato AF, Silva CL, Cavichioli FR. Jogos escolares do Paraná: análise da competição no município de Curitiba. *Educ Fis Cienc.* 2017;19(1):1-9.
65. Galatti LR, Paes RR. Fundamentos da pedagogia do esporte no cenário escolar. *Movim Percep.* 2006;6(9):16-25.
66. Barroso ALR, Darido SC. A pedagogia do esporte e as dimensões dos conteúdos: conceitual, procedimental e atitudinal. *Rev Educ Fis UEM.* 2009;20(2):281-9.
67. Scaglia AJ, Medeiros M, Sadi RS. Competições pedagógicas e festivais esportivos: questões pertinentes ao treinamento esportivo. *Rev Virtual Efartigas.* 2006;3(23).
68. Balbino HF, Galatti LR, Ferreira HB, et al. Pedagogia do esporte: significações da iniciação esportiva e da competição. In: Reverdito RS, Scaglia AJ, Montagner PC, organizadores. *Pedagogia do esporte: aspectos conceituais da competição e estudos aplicados.* São Paulo: Phorte; 2013. p. 41-68.
69. Vandorpe B, Lenoir M, Lefevre J, et al. The Körperkoordinations test für kinder: references values and suitability for 6-12 year-old children in Flanders. *Scand J Med Sci Sports.* 2011;21(3):378-88.

ENDEREÇO
 André Felipe Caregnato
 Rua Pedro Demeterco, 1091
 81530-230 – Curitiba – PR – BRASIL
 e-mail: andre.caregnato@hotmail.com

Recebido para publicação: 09/06/2015
 1ª. Revisão: 23/07/2017
 2ª. Revisão: 14/10/2017
 Aceito: 20/12/2017